
**VIDAS PRETAS IMPORTAM... COVID-19, PRECONCEITO,
TRABALHO E CAPITALOCENO****BLACK LIVES MATTER... COVID-19, PREJUDICE, LABOR AND
CAPITALOCENE****LAS VIDAS NEGRAS IMPORTAN ... COVID-19, PREJUICIOS,
TRABAJO Y CAPITALOCENO****Fábio Luiz Zanardi Coltro¹***fabio.coltro@kroton.com.br***Resumo:**

Vidas pretas importam, esse é o grito que ecoa nas ruas das cidades no mundo todo! O fato do ex-segurança negro George Floyd ter sido assassinado por policiais brancos nesse momento de pandemia, mostra muito mais sobre o sistema em que vivemos do que podemos imaginar. A partir deste fato, o presente artigo busca articular os impactos da pandemia de covid-19 no trabalho e o pensamento de ecologia-mundo capitalista de Jason W. Moore, para apontar uma nova época geológica, o capitaloceno. Assim, partindo da discussão do trabalho e dos 4 baratos necessários para o avanço do capital, apontamos a crise sistêmica do capitalismo e as possíveis consequências dessa crise.

Palavras-chave: Covid-19, Capitaloceno, Trabalho-barato, Ecologia-mundo capitalista;

Abstract:

Black lives matter, that's the scream that echoes on city streets all over the world! The fact that former black security guard George Floyd was murdered by white police in this pandemic moment, shows much more about the system we live in than we can imagine. Based on this fact, this article seeks to articulate the impacts of the covid-19 pandemic at labor and Jason W. Moore's capitalist ecology-world thinking, to point to a new geological epoch, the capitalocene. Thus, starting from the

¹ Graduado em Marketing e Propaganda pela Universidade Norte do Parana (2001), Especialista em Bioética pela Universidade Estadual de Londrina (2002) e Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual de Londrina (2005), Doutor em Geografia pela UEL - Universidade Norte do Paraná e University of Cambridge (UK). Desenvolveu pesquisas na área de Animal Geography; Consumo Sustentável; Ética Animal; Associativismo e Cooperativismo e Responsabilidade Sócio-ambiental. Também é pesquisador da área de bioética, em especial para a Ética Animal e Ética Ambiental da Sociedade Brasileira de Bioética. Tem experiência na área de pesquisa em relações humano-animal, atuando principalmente nos seguintes temas: Animal Geographies, Bioética, Meio Ambiente, Ética animal. Atualmente pesquisa na área de Animal Geographies.

discussion of labor and the 4 cheaps necessary for the advance of capital, we point out the systemic crisis of capitalism and the possible consequences of this crisis.

Keywords: Covid-19, Capitalocene, Cheap-labor, Ecology-capitalist world;

Resumen:

Vidas negras importan, jese es el grito que resuena en las calles de la ciudad de todo el mundo! El hecho de que el ex guardia de seguridad negro George Floyd fuera asesinado por la policía blanco en este momento de pandemia muestra mucho más del sistema en el que vivimos de lo que podemos imaginar. Con base en este hecho, este artículo busca articular los impactos de la pandemia covid-19 en el trabajo y el pensamiento capitalista ecológico-mundial de Jason W. Moore, para señalar una nueva época geológica, el capitaloceno. Por lo tanto, a partir de la discusión sobre el trabajo y los 4 baratos necesarios para el avance del capital, señalamos la crisis sistémica del capitalismo y las posibles consecuencias de esta crisis.

Palabras claves: Covid-19, Capitaloceno, mano de obra barata, ecología-capitalista mundial;

INTRODUÇÃO

Vidas pretas importam, esse é o grito que ecoa nas ruas das cidades no mundo todo! O fato do ex-segurança negro George Floyd ter sido assassinado por policiais brancos nesse momento de pandemia, mostra muito mais sobre o sistema em que vivemos do que podemos imaginar. O joelho do branco no pescoço do negro algemado (acorrentado) é simbólico em si. A opressão da instituição da repressão, defensora das classes dominantes nesse presente distópico da pseudo-democracia, não ficaria sem resposta. As classes oprimidas (trabalhadores, negros, mulheres, LGBTQI+, etc..) não podem mais calar-se, mesmo durante uma pandemia, pois suas vidas já correm perigo cotidianamente.

A pandemia da Covid-19 é uma crise global, sanitária, econômica e social excepcional. Poucos acontecimentos históricos podem ser comparados a ela, pelo menos na escala das últimas décadas. Esta tragédia se afigura, agora, como um teste para toda a humanidade. Trata-se de uma provação no duplo sentido da palavra: dor, risco e perigo, por um lado; teste, avaliação e julgamento, por outro. O que a pandemia está testando é a capacidade das organizações políticas e econômicas de lidar com um problema global vinculado à interdependência dos indivíduos, ou seja, algo que afeta a vida social de todos de uma forma básica. Como uma distopia que se torna realidade, o que estamos experimentando agora

revela aquilo que, com as mudanças climáticas em curso, aguarda a humanidade em poucas décadas se a estrutura econômica e política do mundo não mudar muito rápida e radicalmente.

A PANDEMIA

Apenas quatro meses atrás, ninguém tinha ouvido falar do vírus chamado covid19, o mundo funcionava dentro dos parâmetros usuais e os cidadãos viviam com a “segurança” produzida pela miragem do Capitalismo.

Em meio ao aumento do número de mortos, os municípios brasileiros que reduziram o distanciamento social podem ter em dez dias um aumento de 150% no número de infectados e mortos pelo coronavírus. A projeção é de um grupo de cientistas de universidades de São Paulo, que alerta para o risco da explosão no Brasil.

De fato, a partir do 54º dia, o Brasil é o país com a maior taxa de crescimento de casos confirmados. No Brasil, as curvas da taxa de aceleração dos casos confirmados ainda estão aumentando desde o início da pandemia”, frisa uma Nota Técnica assinada pelos grupos de monitoramento Ação Covid-19, (acaocovid19.org), Covid-19 Brasil (ciis.fmrp.usp.br/covid19/) e Laboratório de Saúde Coletiva (Unifesp), além dos cientistas Gerusa Maria Figueiredo, Ivan França Junior e Ricardo Rodrigues Teixeira, todos da USP.

No país desigual que é o Brasil, uma pandemia como a do Covid-19 não atinge igualmente todas as pessoas, em todos os lugares, de todas as classes sociais. As medidas de resposta ao avanço do vírus devem ser ajustadas às condições de cada Estado, cidade e bairro. É responsabilidade de todos os entes da União entender essas diferenças e planejar o combate à disseminação da doença. (acaocovid19.org)

Caso não haja confinamento e todos voltem à rotina normalmente, como quer o nosso presidente e parte da elite econômica, a contaminação pelo vírus pode até declinar em um período de tempo mais curto (por conta da imunização da grande maioria das pessoas), mas isso se dará ao custo de milhares ou até milhões de mortes. O recado genocida parece ter racionalidade econômica mas considera um falso trade off entre salvar milhares ou até milhões de vidas ou salvar o sistema. (CUNHA, 2020)

O capitalismo, porém, nunca mais será o mesmo após uma pandemia dessas proporções, além dos impactos sociais evidentes, a previsão atual de quedas drásticas nos PIBs dos países desenvolvidos, algo que pode chegar até a 18% no próximo trimestre, já está colocando o sistema em xeque! (PITTA, 2020)

O PRECONCEITO

A pandemia é um tempo de descobertas. Vários pensadores estão descobrindo a determinação social do processo saúde-doença. Pessoas da classe trabalhadora têm maior potencial de contraírem doenças cardíacas, complicações respiratórias, diabetes, hipertensão e outros problemas.

George Floyd é mais um negro vítima da violência seletiva do Estado, mais um negro vítima da violência da sociedade da mercadoria. George Floyd é Amarildo, Marielle Franco, João Victor, João Pedro, dentre inúmeras vítimas de uma sociedade que cheira a morte.

O elemento inicial desse parágrafo, elemento este que causa horror, é que ele é mais um. Enquanto seu corpo enrijece e se torna frio, mais um negro, mais uma negra, estará dando entrada em algum necrotério vítima de um Derek Chauvin e seus truculentos parceiros.

Percebe-se que atos violentos são rotineiros, é a escancarada obscenidade da lei na ação brutal do Estado dia após dia, uma máquina moedora de gente, moedora daqueles não mais rentáveis para a reprodução do valor e da economia. (MOORE, 2017)

Nota-se também como essa sociedade que se regozija com o discurso jurídico, o discurso da lei, dos direitos universais do homem, acaba não enxergando, que, ao final, a única lei que determina em última instância é a do valor.

Em outras palavras, a igualdade é uma ficção jurídica em sociedades de classes multiétnicas. Além disso, a dominação social impessoal que se produz como característica de uma sociedade alienada, mesmo que seja inconsciente à sua reprodução, tem uma história que lhe deu impulso, uma origem de onde se renovam suas energias, seus hábitos, que mantém a continuidade de determinadas relações sociais. Neste sentido, a estupidez do homem branco é a própria encarnação deste poder, o que faz ecoar que a norma da lei sempre pode ser alterada pela lei do valor. Este é o real poder na desigualdade. (MOORE, 2015)

Assim, a massa de desempregados não tem causa no novo coronavírus, mas advém muito antes de tudo isso acontecer. Isso não significa negar que houve um aumento circunstancial imediato do desemprego, mas apontar que suas causas não podem ser atribuídas totalmente a agentes externos, em outras palavras, quero dizer que a crise é estrutural e não foi uma determinada situação externa ao sistema produtor de mercadorias que a inaugurou. (PITTA, 2020)

Havia setores cada vez maiores da população mundial que se viam arrastados para a miséria absoluta, pelo simples fato de, enquanto força de trabalho, terem passado a serem desnecessários para a valorização do capital. Desde os anos oitenta que vinham aumentando consideravelmente os fenômenos de exclusão social, e o desemprego maciço só em aparência ia sendo contido à custa de “programas de ocupação”, financiados pelo crédito, de manipulações de estatísticas em larga escala ou da imposição de salários de miséria e de transferências coercivas para o chamado “setor informal”. (PITTA, 2020)

Os milhares de George Floyd que tomaram as ruas norte-americanas vieram mostrar o esgotamento total dessa forma de sociabilidade, o descontentamento com o modo de vida e com a repressão, mas também com o status quo de maneira geral.

O que vemos aqui é um dos pilares do Capitalismo, segundo aponta Jason W. Moore. Para ele aqueles processos extraeconômicos que identificam, protegem e canalizam o trabalho não remunerado fora do sistema de mercadorias para o circuito do capital. É tão importante a apropriação do trabalho não remunerado que o aumento da taxa de exploração depende dos frutos da apropriação derivada de Naturezas Baratas, entendidas principalmente como os 'Quatro Baratos' da força de trabalho, alimentos, energia e matérias-primas. (MOORE, 2015)

Para Moore a lógica catastrófica da dicotomia Sociedade/Natureza, colocou negros, indígenas, mulheres e todos aqueles que não são homens, brancos, heterossexuais e burgueses na instância da Natureza a quem a Sociedade tem por “obrigação” dominar. (MOORE, 2017)

Antropoceno ou capitaloceno racial?

O termo “Antropoceno” para descrever o “domínio humano dos processos biológicos, químicos e geológicos na Terra” foi introduzido pela primeira vez em 2000 em um artigo escrito em conjunto por Paul Crutzen e Eugene Stoermer. Eles dataram seu surgimento na última parte do século XVIII, admitindo que propostas alternativas podem ser feitas (alguns podem até querer incluir todo o Holoceno). No entanto, escolhemos esta data porque, durante os últimos dois séculos, os efeitos globais das atividades humanas tornaram-se claramente perceptíveis. Este é o período em que os dados recuperados de núcleos de gelo glacial mostram o início de um crescimento nas concentrações atmosféricas de vários "gases de efeito estufa", em particular CO₂ e CH₄. Essa data de início também coincide com a invenção da máquina a vapor de James Watt em 1784. (CRUTZEN & STROEMER, 2000)

Quando e por que o Antropoceno ocorreu, seus perigos e o que poderia detê-los foram amplamente debatidos em jornais e conferências científicas. A narrativa centrou-se na ameaça ao ser humano como um todo indiferenciado e foi assim resumida: a humanidade não sobreviveria se não reduzisse a emissão de CO₂. Filmes e propagandas começaram a destacar os perigos das mudanças climáticas, acentuando a perda de espécies animais e a ideia da Terra como um bem comum. Esses meios de comunicação, entretanto, não levaram em consideração a assimetria de poder e, em vez disso, marginalizaram o que havia sido demonstrado na década de 1980: o papel das políticas racializadas de saúde pública e eliminação de resíduos tóxicos, armas e poluição, grilagem de terras e desmatamento, a importância de a Guerra Fria com sua aliança entre a indústria química e os militares, leis de comércio e monopólios. É notável que esses estudos não tenham procurado localizar pontos de intersecção com estudos emergentes sobre imperialismo e meio ambiente. Quando Dipesh Chakrabarty escreveu “O clima da história: quatro teses” em 2009, a esperança era que um diálogo estava finalmente começando entre cientistas e pensadores pós-coloniais. (CHAKRABARTY, 2009) Ao focar no imediatismo da mudança climática como uma crise, Chakrabarty enquadrado o Antropoceno como uma transformação atual. Este presentismo ignorou uma história mais profunda e criou a ilusão de uma humanidade universal orgânica e indiferenciada. Em seu ensaio de 2012 "Estudos pós-coloniais e o desafio da mudança climática", Chakrabarty se referiu novamente à figura abstrata do "humano na era do Antropoceno", mas, afastando-se um pouco de sua conclusão de 2009, afirmou: "Não há correspondente 'humanidade' que em sua unidade pode atuar como um agente político. Resta, portanto, um lugar para as lutas em torno de questões sobre justiça intra-humana em

relação aos impactos desiguais das mudanças climáticas.” (CHAKRABARTY, 2015) Ao responder suas críticas, especialmente sobre "os ricos sempre tendo botes salvas e, portanto, sendo capazes de comprar sua saída de todas as calamidades, incluindo uma Grande Extinção", ele perguntou: "Sua sobrevivência não constituiria também uma sobrevivência da espécie (mesmo que a os sobreviventes rapidamente se diferenciaram em, como parece ser o costume humano, grupos dominantes e subordinados)? ” (CHAKRABARTY, 2016). Chakrabarty defende uma noção do Antropoceno que, de acordo com Aaron Vansintjan, infere um "cobertor humano, um cobertor histórico, um cobertor geológico registro" (VANSINTJAN, 2016), que se baseia em "suposições apolíticas e colonialistas" e "destaca o perigo de usar uma estrutura (geologia e climatologia) para fazer afirmações universais sobre o mundo - ajuda a tornar apenas um mundo possível. ” (VANSINTJAN, 2016)

Mas o Antropoceno é um termo cativante que torna a história fácil.

Fácil, porque não desafia as desigualdades naturalizadas, alienação e violência inscritas nas relações estratégicas de poder e produção da modernidade. É uma história fácil de contar porque não nos pede para pensar sobre essas relações. (MOORE, 2014)

A noção "varre dentro de si o discurso diverso, dinâmico e até contraditório de povos em todo o mundo que lutam com mudanças ambientais catastróficas" e mantém a divisão natureza / sociedade cara ao pensamento ocidental, mascarando o fato de que as relações entre os humanos são produzidas por natureza. (TODD, 2016) A noção do Antropoceno é “des-historicizar, universalizar, eternizar, naturalizar um modo de produção específico para um determinado tempo e lugar”, estratégia de legitimação ideológica que bloqueia qualquer perspectiva de mudança (MALM, 2016). A antropologia Elizabeth Reddy cunhou a expressão “megacategoria carismática” para descrever a temporalidade e a espacialidade produzidas pela noção de Antropoceno. (REDDY, 2014). O sociólogo Jason Moore sugeriu a noção de um Capitaloceno (MOORE, 2014), que traz de volta o capitalismo “como uma ecologia mundial, unindo a acumulação de capital, a busca de poder e a coprodução da natureza em unidade dialética” (MOORE, 2014). Como Moore coloca, bolsa de estudos que postula

a exploração da natureza como uma relação externa com a exploração da força de trabalho faz duas coisas. Primeiro, confunde as coisas, porque natureza e trabalho não são entidades comparáveis. A natureza é o campo no qual a atividade humana se desenvolve e também é o objeto e a pré-condição da atividade humana. Em segundo lugar, ele confunde as coisas ainda mais ao estabelecer uma descontinuidade arbitrária entre a criação do ambiente humano - a exploração da natureza - e a criação do ambiente por outras formas de vida. (MOORE, 2014 pp. 445-46)

Moore data o início do Capitaloceno no século XVI, que também testemunhou a "descoberta do Novo Mundo", para o qual as pessoas foram trazidas pela força do "sangue e fogo", o comércio de escravos, a divisão das colônias entre as potências europeias, e a organização em uma escala global de uma força de trabalho móvel, racializada, com gênero e ligada. A escravidão e o colonialismo tiveram um impacto profundo na ecologia mundial. (MARX, 2017)

Para o historiador Joachim Radkau, “o principal problema do colonialismo parece não ter sido tanto suas consequências ecológicas imediatas, mas seu impacto de longo prazo, cuja extensão só se tornou aparente séculos depois, na era da tecnologia moderna, e muitas vezes somente depois que os estados coloniais adquiriram sua independência.” (RADKAU, 2008) Devemos, em nossa narrativa do capitaloceno racial, integrar essa longa memória do impacto do colonialismo e o fato de que a destruição na era colonial se torna visível na era pós-colonial. Em outras palavras, devemos adicionar ao estudo de 1987 da Igreja Unida de Cristo sobre as políticas racializadas do meio ambiente no século XX uma história do capitaloceno racial, com uma análise do capital, imperialismo, gênero, classe e raça e uma concepção da natureza e de ser humano que se opõe à abordagem ocidental. Nos “Princípios de Justiça Ambiental” de 1991, o primeiro princípio afirmava que “A Justiça Ambiental afirma a sacralidade da Mãe Terra, a unidade ecológica e a interdependência de todas as espécies, e o direito de estar livre da destruição ecológica”. O princípio postula uma nova compreensão do que é ser humano e desafia o diálogo internacional sobre mudanças climáticas que teve como foco uma estratégia de adaptação. A adaptação por meio da tecnologia ou o desenvolvimento do capitalismo verde foi, de fato, apresentada como uma

boa estratégia. Ainda assim, não aborda completamente a longa história e memória da destruição ambiental sobre a qual Radkau escreveu, nem a assimetria de poder.

Na reconfiguração do mundo que se seguiu à colonização das Américas e do Caribe, a natureza se transformou em um recurso barato, tão renovável infinitamente quanto a força de trabalho vinculada. É a práxis humana como trabalho e o uso global de uma linha de cores na divisão do trabalho que deve ser estudada, e não uma pulsão de morte “humana”. Quando Andreas Malm argumenta que “há também um tipo diferente de violência, não rápida, mas em câmera lenta, não instantânea, mas incremental, não corpo a corpo, mas atuando ao longo de vastas extensões de tempo por meio de ecossistemas”, ele levanta o questão das narrativas que trariam à luz esse tipo de violência. Na verdade, se encontrarmos e lermos “histórias e ensaios sobre a lenta violência do desastre de Bhopal, exploração de petróleo no Golfo Pérsico e no Delta do Níger, mega-barragens na Índia, urânio empobrecido no Iraque” - aos quais podemos adicionar o Katrina em Nova Orleans, a maré móvel de resíduos tóxicos de minério de ferro no Brasil, poluindo o abastecimento de água de centenas de milhares de residentes em seu caminho para o oceano, as consequências de testes nucleares na Polinésia Francesa, a água poluída em Flint, Michigan , e o impacto negativo do agro-negócio - não há nenhum “nas mudanças climáticas como tal”, como se “a capacidade de imaginar a violência pareça ter atingido seus limites”. (MALM, 2016) Temos que renovar as formas como a violência é narrada.

Mais de 5 séculos de dominação dessa lógica absurda estão ecoando nas vozes que gritam: vidas pretas importam...

TRABALHO

Como nos aponta o Ricardo Antunes:

A pandemia do capital tratou de demonstrar sua impostura: “colaboradores” estão sendo demitidos aos milhares, “parceiros” estão podendo optar entre reduzir os salários ou conhecer o desemprego e os pequenos empreendedores não encontram consumidores e veem sua renda se esvanecer”(ANTUNES, 2020)

A atual pandemia do coronavírus (covid-19) escancara todos os fundamentos apodrecidos da sociedade das mercadorias. “A locomotiva da economia não pode parar!” – já começa a gritar o andar de cima, que há muito vive saltando de vagão em vagão, em ganhos simulados nos mercados financeiros e especulativos. O capital está travado e ameaça entrar numa longa depressão e assim colidir com seus limites se continuar na mesma rota suicida, mas, neste largo limiar de transição para o nada, é claramente mais fácil sacrificar as pessoas, eliminar alguns milhões de infectados, deixando-os morrer num isolamento doloroso, do que modificar um pouco que seja a rotina ensandecida dos negócios atuais e futuros. (PITTA, 2020)

O Brasil, com seu presidente sociopata liquidando qualquer limite entre público e interesses privados da oligarquia neoliberal que o sustenta no poder, cumpre o destino de vanguarda mundial nesse assunto, apesar das aparências contrárias. A classe dirigente veste a máscara de “trabalhador patriota” que cumpre à perfeição o papel do “capitalista ideal”, aderindo ao uniforme da ordem e do progresso, com paramentos e gestos profascistas diários, apontando como Inimigo número 1 a “liberdade” aparente de quem supostamente parou de trabalhar na quarentena. (PITTA, 2020)

No fundo, se o vírus não afeta muito mais a classe média e os ricos, eis o que importa, é o que se requer para voltar à rotina, agora em ritmo redobrado de exploração para compensar os meses parados. Em todos os casos trabalha-se militarmente como nunca e por isso esse governo da crise como governo da morte é perfeito, alimentando o ódio e o ressentimento popular contra quem exige medidas de proteção social e mudanças estruturais imediatas. Só assim, de fato, reforçado pelo fanatismo e a militarização do trabalho, como reside em seu conceito, o “capital é produtivo” (como dizia Marx no Capítulo VI Inédito de O capital, a respeito da reprodução das relações de produção como um dos produtos fetichistas finais da realização do capital).(PITTA, 2020)

O capital fictício trilionário emitido é uma promessa ambígua, contraditória até a raiz da própria palavra, um ato que se desmente a cada passo: uma promessa de que nenhum futuro haverá para além do capitalismo de desastre, mas também a promessa de que os fundamentos dessa sociedade são voláteis e se declaram como uma espécie de hálito quente de um zumbi que já devora as próprias carnes. Para a máquina continuar funcionando *ad infinitum* é preciso muito engajamento – e é esse engajamento que não nos falta. A coisa nua,

escancarada, se veste politicamente, isto é, ativamente, pelos que se sentem paralisados e encantados diante do monstro. (CUNHA, 2020)

Bolsonaro, já qualificado como o “presidente do colapso” (NOBRE, 2018) ou fomentador de um “holocausto ecológico” (MILANEZ, 2019), parece promover um aceleracionismo de crise (CATALANI, 2019). Tendo sido eleito sob a autodesignação de “Donald Trump brasileiro”, fortemente amparado por uma campanha eleitoral via WhatsApp (o que atingia muito maior número de eleitores do que a propaganda eleitoral baseada na televisão e no rádio, emulando a forma da campanha eleitoral por meio do Big Data de Donald Trump, esta majoritariamente via Facebook), recebeu suporte direto do sistema financeiro, da maior parte do setor industrial, da comunidade neopentecostal e demais cristãos conservadores, das agroindústrias e do setor produtor de commodities e das forças armadas.

Após a posse de Bolsonaro, as estatísticas quanto ao número de feminicídios (na maioria das vezes perpetrados pelos próprios maridos ou familiares das vítimas), de assassinatos de grupos excluídos como indígenas, negros favelizados ou encarcerados (pela polícia e grupos de extermínio), de desmatamento criminoso e de suicídios no Brasil dispararam configurando números trágicos (BRUM, 2020).

Vivemos sob a penumbra da mais grave crise da história do Brasil, uma crise econômica, social e política. Enfrentamos um cenário que vai além da democracia interrompida. A meu ver, trata-se de uma democracia subtraída pela simbiose de interesses de uma classe política degradada e de uma elite egocêntrica, sem qualquer compromisso com um projeto de reconstrução nacional – o que, inclusive, praticamente aniquila qualquer possibilidade de pactuação. Com o neoliberalismo não vamos a lugar algum. Sobretudo porque, repito: historicamente o Brasil nunca deu saltos senão com impulsos do próprio Estado. Esses últimos dois anos têm sido pavorosos, do ponto de vista econômico, social e político. Todas as reformas propostas são reacionárias, da trabalhista à previdenciária. (CUNHA, 2020)

Novamente Ricardo Antunes nos alerta:

Foi nessa situação verdadeiramente catastrófica, em que a simultaneidade da crise econômica, social e política se verificou, que a nova pandemia aterrissou em nossos aeroportos. Muito distante de um vírus cuja responsabilização se devesse a algum desmando da

natureza, tão ao gosto da apologética da ignorância que hoje se esparrama aqui e alhures, o que estamos presenciando, em escala global, é resultante da expansão e generalização do sistema de metabolismo antissocial do capital. (ANTUNES, 2020)

Assim, carregando uma lógica essencialmente destrutiva, o metabolismo antissocial do capital vive e se reproduz por meio da destruição, (da natureza, da força de trabalho). Em acordo com Jason W. Moore, esse metabolismo é expansionista e incontrolável, desconsiderando a totalidade dos limites sócioambientais, o sistema de metabolismo antissocial do capital alterna-se entre produção, destruição e letalidade.

CAPITALOCENO

Diferente do que pregam que estamos no Antropoceno², nova era geológica, Jason W. Moore, expõe que estamos no Capitaloceno. Portanto, o capital deve não [formatação] apenas acumular e revolucionar incessantemente a produção de mercadorias; deve procurar incessantemente e encontrar maneiras de produzir Naturezas Baratas; um fluxo crescente de alimentos, mão-de-obra, energia e matérias-primas de baixo custo ... Esses são os Quatro Baratos ... A lei do valor no capitalismo é uma lei de Natureza Barata. (MOORE, 2015)

A “Natureza Barata” opera reduzindo a composição do valor - mas aumentando a composição técnica - do capital como um todo; abrindo novas oportunidades de investimento; e, em sua dimensão qualitativa, permitindo que tecnologias e novos tipos de natureza transformem estruturas existentes de acumulação de capital e poder mundial. Em tudo isso, as fronteiras de mercadorias - fronteiras de apropriação - são centrais. (MOORE, 2015)

² A literatura sobre o antropoceno (Época do Homem) nasceu do reconhecimento da intensificação da crise planetária que representa uma ameaça existencial à humanidade e da busca por suas causas e resposta política a ela. O biólogo aquático Eugene F. Stoermer cunhou o termo na década de 1980 e o químico atmosférico Paul Crutzen, que o popularizou em 2000, sugeriu que o Antropoceno poderia ter começado com a introdução do motor a vapor na Revolução Industrial Inglesa. Essa ideia ressoou com o Movimento verde, que considera a industrialização a causa da crise ecológica e com o movimento (eco) socialista que responsabiliza o capitalismo. Existem boas razões para acreditar que a economia mundial capitalista industrial movida a combustível fóssil é responsável pela crise - basta dar uma olhada na lista das nove “fronteiras planetárias” (limiares para sociedades humanas seguras) apresentadas pelo Stockholm Resilience Center (Rockström, et.al., 2009).

Moore dá a esse processo de apropriação em escala mundial um nome, "excedente ecológico do mundo", e sugere uma tendência para que ela caia ao longo do tempo histórico. O excedente ecológico é a razão entre a massa de capital de todo o sistema e a apropriação de trabalho / energia não remunerada em todo o sistema. Ele empresta a ideia da razão EROI (energia retornada na energia investida), uma medida para eficiência energética. Moore altera essa noção para EROCI - "energia retornada sobre o capital investido". Ele reconhece que, como EROI, EROCI não pode ser quantificado porque é impossível calcular trabalho / energia não remunerado. (MOORE, 2017)

As crises do capitalismo na natureza são crises do que a natureza faz pelo capitalismo, mais do que o que o capitalismo faz com a natureza. Esse ponto de entrada oferece não apenas uma nova perspectiva - que inclui, centralmente, o trabalho de naturezas humana - mas também oferece uma oportunidade para sintetizar duas grandes correntes de pensamento radical desde a década de 1970: a teoria da crise de acumulação e o estudo das crises ambientais. (MOORE, 2015)

A história moderna é caracterizada como o consumo voraz e a busca incansável de Naturezas Baratas - 'baratas' em relação à acumulação de capital e seu curioso privilégio do trabalho assalariado como a única coisa que vale a pena valorizar. Assim, a ênfase de Moore nas fontes de trabalhadores não remunerados para a acumulação capitalista, em particular no trabalho/energia não remunerado da natureza humana e extra-humana. (MOORE, 2015)

Marxistas ecológicos como Foster identificam a alienação, em particular a alienação da natureza, como a causa última da crise ecológica. Nisso, eles seguem a teoria trabalhista de alienação de Marx, intimamente ligada à ascensão e domínio do modo de produção capitalista. No entanto, sabemos de muitas civilizações pré-capitalistas que entraram em colapso em parte por causa da crise ecológica. Claramente, o problema da alienação da natureza precede o capitalismo. (MOORE, 2015)

No primeiro, os animais não humanos não são apenas como seres humanos, são pessoas. Seu ambiente é um tesouro de 'personagem', cada um com linguagem, razão, intelecto, consciência moral e conhecimento, independentemente de a forma

externa ser humana, animal, réptil ou planta. Assim, o povo Jivaro do leste do Equador e Peru considera humanos, animais e plantas como 'pessoas' (agentes), ligados por laços de sangue e ancestralidade comum (DESCOLA, 1996).

Chamo os forrageadores de visões de mundo ecocêntricas, porque seu quadro de referência é seu cenário natural. Deveria ser fácil concordar que nossos ancestrais caçadores-coletores ecocêntricos não tinham uma visão dualista do mundo natural no sentido em que Jason W. Moore (2015) está preocupado.

Antropocentrismo (visão de mundo centrada no homem), também conhecido como homocentrismo, supremacismo humano e especismo, é a visão que mantém os seres humanos como a espécie central ou mais significativa da Terra, no sentido de que eles são considerados como tendo uma posição moral acima de outros seres. O consenso atual é que o antropocentrismo talvez tenha contribuído para a transição da agricultura. Mas há poucas dúvidas de que ele emergiu e se consolidou com a Revolução Agrícola e se institucionalizou pelas sociedades de classe que se seguiram. (MOORE, 2015)

Lembremos que a agricultura pressupõe a domesticação de algumas plantas e animais. Embora as primeiras domesticações tenham sido coincidentes (como alguns lobos começaram a rastrear humanos por sobras da caça e, em troca, deram aos bandos de caçadores um aviso prévio e alguma proteção), quando a agricultura finalmente se consolidou, ela foi caracterizada ao longo da história com tentativas sistemáticas de dominar controlar a natureza, incluindo a criação de plantas e animais “**desejáveis**” e controle ou eliminação de espécies “**indesejáveis**” e, mais recentemente, por tentativas de controle contra ciclos naturais. Isso contribuiu para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e foi servido em troca por eles. (MOORE, 2015)

Devemos retomar aqui que a ideia dos “**indesejáveis**” também se faz pela associação de corpos negros, femininos, indígenas, LGBTQI+, entre outros com a Natureza, portanto como afirmamos acima, deve-se controlar ou eliminar.

Quando os primeiros agricultores de subsistência começaram a produzir um superávit econômico, emergiu a estratificação social, dando origem à alienação social, abrindo caminho para a institucionalização da subordinação, opressão e exploração. Assim, a alienação da natureza e a alienação social estão inter-relacionadas e a primeira era necessária para a segunda. (MOORE, 2015)

A crise sistêmica que enfrentamos hoje é diferente apenas por causa de seu alcance e escala globais, velocidade e intensidade de forças desencadeadas pela civilização capitalista industrial que ameaça a humanidade e muito mais. A fissura metabólica não se originou com a ascensão do capitalismo, mas, usando a terminologia de Richard Levins, com a ascensão do *Homo productivore* (LEVINS, 2015). Sociedades de classe antropocêntricas que tem sido “maneiras de organizar a natureza” para o benefício das elites dominantes e pressupõem dominação e controle sobre a natureza, incluindo a natureza humana.

Ricardo Antunes ainda alerta que:

As forças de trabalho na maior parte do mundo têm sido socializadas durante muito tempo para se comportarem como bons sujeitos neoliberais (ou seja, culpar a si mesmas ou a Deus se algo der errado, mas nunca ousar sugerir que o capitalismo pode ser o problema). Contudo, mesmo bons sujeitos neoliberais podem ver hoje que há algo muito errado na forma como a pandemia está sendo respondida. A grande questão é: quanto tempo isso vai durar? Pode levar mais de um ano, e quanto mais o tempo passa, mais desvalorização haverá, mesmo para a força de trabalho. É quase certo que os níveis de desemprego subirão para níveis comparáveis aos dos anos 1930, na ausência de intervenções estatais massivas que teriam que ir contra a lógica neoliberal. (ANTUNES, 2020)

A democracia continua a devorar seus filhos (SCHOLZ, 2020) a partir do fetichismo de capital e do sujeito, que faz os homens acreditarem ser sua finalidade social última se realizarem por meio de sua dominação sobre as coisas – positividade de uma idealidade da relação contraditória sujeito x objeto – fetichismo justamente proveniente da finalidade tautológica da valorização do valor como dominação social, o qual repõe o valor-dissociação, a mais-valia, a queda tendencial da taxa de lucro, a crise fundamental do capital, a superfluidade, o asselvajamento social e a guerra total. Para nós, é a totalidade fragmentada da forma de relação social dos homens mediada pelas coisas (mercadorias), ou seja, pela mediação do trabalho e do valor-dissociação, que deve ser criticamente tematizada a fim de podermos vislumbrar a crítica do sujeito mesmo e a possibilidade de nos relacionarmos de outra maneira, algo que está longe de ser tentado na prática (KLOOS, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por essa política de desperdício e destruição das forças produtivas do homem o capitalismo se condena. Privado da ingestão histórica de valor do trabalho produzido fora de sua esfera e do freio principal sobre a queda das taxas de lucro, o capitalismo pode muito bem mostrar-se um modo de produção muito caro para mobilizar com sucesso, como no início, as forças produtivas e, portanto, para garantir o progresso. A próxima crise "final" seria prenunciada por a situação atual. (Meillasoux, 1981)

A dialética da capitalização e apropriação gira, fundamentalmente, nas relações através das quais os seres humanos são re-produzidos. Daí a centralidade da força de trabalho barata. Sem ele, a acumulação quebra.

É difícil ver esses tecidos conjuntivos na maioria dos Pensamentos Verdes. Acorde qualquer ambientalista no meio da noite e pergunte: "Onde vemos exaustão e esgotamento?" A resposta está pronta: em flora e fauna, em solos e recursos. Mas o que acontece se invertermos essa resposta e começarmos do ponto de vista da exaustão do trabalhador e da exaustão dos sistemas de trabalho? Essa inversão não precisa ser antropocêntrica; através dela, podemos iluminar as relações unificadoras que esgotam as naturezas humanas e extra-humanas na ecologia-mundo capitalista.

Se a exaustão do trabalhador é primordial, devemos fazer uma pergunta crucial: quem é o trabalhador? Não apenas o trabalhador assalariado, com certeza, mas todas as atividades da vida que "funcionam" nas relações de valor do capitalismo. Como vimos, parte desse trabalho é formal, mas grande parte não é. Uma pequena parte ocorre dentro de fábricas, escritórios e lojas, mas a maioria não ocorre. (MOORE, 2015)

Uma determinada população trabalhadora fica no máximo quando não consegue mais fornecer um fluxo crescente de trabalho / energia para - ou em apoio ao - circuito do capital. A classe trabalhadora americana hoje não está exausta no sentido de colapso físico iminente; está exausta em sua capacidade de entregar um volume crescente de trabalho não remunerado ao capital. (MOORE, 2015) Seu potencial para entregar trabalho não remunerado é o máximo. A proliferação de "turnos" - um segundo e terceiro turnos no

trabalho remunerado e não remunerado - e a extensão neoliberal da semana de trabalho nos dão motivos para pensar que os trabalhadores americanos não podem trabalhar muito mais ou com muito mais esforço. (HOCHSCHILD, 1989)

Este é o espectro de um declínio absoluto - e não apenas relativo - nos fluxos de trabalho / energia. Isso pode ser observado no aumento acentuado de problemas de saúde mental no Norte Global desde os anos 80, e em uma epidemia de câncer, mesmo após o grande declínio no consumo de cigarros e fora da proporção dos avanços no diagnóstico (MOORE, 2015). O que isso significa é direto: exaustão assume muitas formas e não pode ser reduzido a um colapso biofísico. Além dos problemas de saúde crescentes, também se pode considerar a fertilidade em declínio de mulheres proletárias do Atlântico Norte nas últimas décadas, e agora se estendendo ao leste asiático industrializado.(MOORE, 2015) Isso sugere que, ao longo de um ciclo de acumulação, o as relações de reprodução, que antes estavam fora do nexos monetário, tornam-se progressivamente monetizadas. A reprodução é canalizada por meio de relações de mercadorias, e a parcela - mas não necessariamente a massa - do trabalho não remunerado diminui ou estagna. A natureza humana se torna cada vez mais capitalizada nos antigos centros de produção. Essa capitalização dificilmente deixa de ter sua política de classe: a luta pelos termos da reprodução da força de trabalho assume maior relevância. O capital se torna cada vez mais dependente da reprodução da vida mercantilizada, e não da não modificada.

Mais uma vez, vemos a tendência do excedente ecológico cair. Seu indicador mais óbvio é o aumento do preço dos quatro grandes insumos. Mão-de-obra, comida, energia e matérias-primas tornam-se cada vez mais caras.(MOORE, 2015) Os Quatro Baratos deixam de ser baratos. Isso geralmente não acontece de uma só vez, embora seja o que vimos desde 2003. O ponto em que os Quatro Baratos param de ficar mais baratos e começam a ficar mais caros é a crise sinalizadora de uma fase do capitalismo: tais crises “sinalizam” a exaustão de um regime de acumulação. Para o capitalismo neoliberal, essa crise de sinal - muito mais importante que o quase colapso do sistema financeiro em 2008 - começou por volta de 2003. Desde então, o superávit ecológico vem caindo, com poucos sinais de reversão iminente. As maiores fronteiras de mercadorias já foram esgotadas, enquanto a massa de capital continua a aumentar.

A força de trabalho é instrutiva, porque nos desafia a pensar nas unidades diferenciadas do capitalismo na natureza. O capitalismo, como sugere Marx [citação], esgota o solo e o trabalhador através de uma relação singular, ainda que desigual. Embora tal exaustão seja absurda, não é irracional. No meio de meio século, os custos de reprodução capitalizados tendem a maximizar o trabalho não remunerado. Depois de meio século, a parcela relativa do trabalho não remunerado começa a estagnar e depois diminui. A composição capitalizada da natureza aumenta. (MOORE, 2015) O excedente ecológico cai. Duas consequências se seguem: os custos de reprodução do aumento de capital e o fluxo de capital em direção a novas fronteiras trabalhistas. (O que se verifica nos dois últimos governos no Brasil: Michel Temer e Jair Bolsonaro.) Embora pareça que o interesse do próprio capital aponte na direção de regimes de reprodução "sustentáveis", do curto prazo do capital e do capitalismo, a flexibilidade da reprodução socioecológica impulsiona sequências serializadas de boom na história capitalista - baseadas nas tendências exaustivas da capitalização e apropriação. (MOORE, 2015) Essas contradições são atenuadas pelos ritmos temporais distintos da produção de mercadorias e da reprodução socioecológica. Enquanto o tempo de trabalho remunerado é "linear e orientado para o relógio", o trabalho não remunerado de reprodução doméstica baseia-se em ritmos e padrões recorrentes de atividades que são frequentemente cíclicas, em vez de lineares, baseadas em tarefas e não baseadas em relógio, e incorporadas. (MOORE, 2017) O capital aproveita a flexibilidade do trabalho reprodutivo - até certo ponto, pode ser moldado em torno das disciplinas do tempo abstrato - à medida que invade a vida cotidiana e engloba cada vez mais trabalho dentro da lógica do trabalho social abstrato. Mas essa flexibilidade não é infinita. O dia útil real - de trabalho remunerado e não remunerado - não pode ser estendido sem limite.

O renascimento? [é contínua, talvez seja reestruturação] da acumulação nos anos 80 também gerou mão-de-obra barata. Isso implicava um regime de acumulação que poderia fornecer tanto trabalho remunerado quanto não remunerado em volumes suficientes para restaurar a acumulação. Em termos formais, restabelecer o trabalho barato significava reduzir o valor da força de trabalho. Isso não foi fácil de realizar. Havia cinco dimensões principais do projeto neoliberal para restaurar a mão-de-obra barata depois de 1973. A primeira foi a repressão salarial. As burguesias do Norte Global começaram a se organizar como uma classe e se moveram agressivamente contra os sindicatos após a recessão de 1974-1975. (MOORE, 2015) A repressão salarial foi especialmente importante à medida que o crescimento da produtividade do trabalho declinava na década de 1970, uma desaceleração que parece cada

vez mais permanente. (MOORE, 2015) Segundo, a queda da taxa de lucro na indústria americana - induzida tanto pelo poder de classe trabalhista quanto pela crescente composição orgânica do capital - levou americanos e outros capitalistas a avançar rapidamente em direção à "fábrica global" na década de 1970. (MOORE, 2015) Essa foi uma mudança tectônica na história do mundo. que implicavam a desindustrialização simultânea de zonas centrais e a rápida industrialização do Sul global. (MOORE, 2015) Terceiro, a fábrica global dependia do "grande recinto global" iniciado no início dos anos 80. (MOORE, 2015) Esses recintos globais, realizados por meio de programas de ajuste estrutural e liberalização do mercado, reestruturou as relações de classe agrária em todo o mundo, despojando centenas de milhões de camponeses em todo o mundo . Somente na China, entre 200 e 300 milhões de migrantes se mudaram do campo para a cidade. (MOORE, 2015) Esse novo proletariado global superou os que vieram antes dele. Em conjunto com a abertura da Rússia, China e Índia ao mercado mundial, o proletariado mundial dobrou após 1989. (MOORE, 2015) Em quarto lugar, essa "grande duplicação" representou uma expansão ainda maior do proletariado feminino, acrescentando trabalho remunerado além do trabalho não remunerado. escala sem precedentes. A proletarização neoliberal foi, nesse julgamento, uma expansão global sem precedentes da "segunda mudança" de Hochschild(1989) Finalmente - e quase universalmente ignorado pelos ambientalistas - o Trabalho Barato foi possível através de um novo regime de "subconsumo forçado", manifestado na repressão salarial na região. Norte e declínio do bem-estar no sul. (MOORE, 2015).

A apropriação do trabalho doméstico não remunerado e a recompensa da natureza extra-humana - tanto trabalho não remunerado - não é um resíduo da produção real no capitalismo. Antes, a expansão cíclica e implacável da zona de apropriação do trabalho não remunerado é, juntamente com a revolução da produção de mercadorias, o requisito decisivo da acumulação.

O imperativo enfrentado pelo capital para expandir a zona do trabalho não remunerado mais rapidamente é a base histórica através da qual o poder capitalista agrupou as apropriações épocas de "negros, indígenas, mulheres, LGBTQI+, colonizados". Sem negros, mulheres, natureza, e colônias – etc - a acumulação falha. A apropriação do trabalho desvalorizado deve necessariamente superar a

capitalização do trabalho, para que os custos dos quatro grandes insumos (mão-de-obra, alimentação, energia, matérias-primas) comecem a subir e as oportunidades de acumulação por produção e troca de mercadorias comecem a declinar.

Por fim, os gritos de vidas pretas importam que ecoam nas cidades de todo o mundo nos clamam, não só para reduzir o flagelo e o vilipêndio a que estão submetidos só é possível para um governo que pratica a necropolítica e a necroeconomia, o que o levou a “descobrir” que existem mais 40 milhões de trabalhadores/as invisíveis, dura constatação do principal resultado de sua política genocida, mas para uma mudança radical no sistema-mundo capitalista, segundo o conceito de Jason W. Moore. Assim, mudamos ou morreremos!

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Ricardo. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado (e-book), Boitempo, São Paulo, 2020.

BRUM, Eliane. “Os cúmplices”. El País, Brasil, 1 de janeiro de 2020. Disponível em:<<https://brasil.elpais.com/opiniaio/2020-01-01/os-cumplices.html>>.

CATALANI, Felipe. A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa. Em Blog da Boitempo, 23 de julho de 2019. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/23/a-decisao-fascista-e-o-mito-da-regressao-o-brasil-a-luz-do-mundo-e-vice-versa/> .

CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of history: Four theses. *Critical inquiry*, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.

CHAKRABARTY, Dipesh. Whose anthropocene? A response. *RCC Perspectives*, n. 2, p. 101-114, 2016.

Crutzen, P. J., and E. F. Stoermer. 2000. The ‘Anthropocene.’ *Global Change Newsletter* 41:17–18.

CUNHA, Daniel. “A Trajetória Do Antropoceno E O General Intellect.” *Sinal de Menos* 14: 147-189. 2020.

DESCOLA, Philippe. *In the society of nature: a native ecology in Amazonia*. Cambridge University Press, 1996.

HOCHSCHILD, A. The second shift: Working parents and the revolution at home. New York, NY: Viking, 1989

KLOOS, Dominic. “Alternativas ao capitalismo. Em teste: a economia do bem comum” [“Alternativen zum Kapitalismus. Im Check: Gemeinwohlökonomie“]. Em: Die Frage nach dem Ganzen Zum gesellschaftskritischen Weg des Ökumenischen Netzes anlässlich seines 25 jährigen Bestehens, p. 299-356, Ökumenisches Netz Rhein-Mosel-Saar (Hrsg.), 2018. Original disponível em: <https://www.oekumenisches-netz.de/wp-content/uploads/2019/03/Festschrift-Die-Frage-nach-dem-Ganzen-25-Jahre-Netz-Webversion-full.pdf> Tradução de Boaventura Antunes (02/2019), disponível em: http://obeco-online.org/dominic_kloos.pdf

LEVINS, Richard. Review of The Social Conquest of Earth by Edward O. Wilson. 2012.

MALM, Andreas. Fossil capital: The rise of steam power and the roots of global warming. Verso Books, 2016.

MARX, Karl. O CAPITAL-Livro 2: O Processo de Circulação do Capital. Boitempo, 2017.

MILANEZ, Felipe. “É urgente combater o plano de holocausto ecológico do bolsonarismo”. Carta Capital, São Paulo, 7 de junho de 2019. Available at: <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/e-urgente-combater-o-plano-de-holocausto-ecologico-do-bolsonarismo>>

MOORE, Jason W. “The Capitalocene, part I: on the nature and origin of our ecological crisis.” The Journal of Peasant Studies 44 (3): 594-630. 2017

MOORE, Jason W. Beyond the “Exploitation of Nature”? A World-Ecological Alternative. Jason W. Moore World-Ecological Imaginations: Power and Production in the Web of Life, v. 25, 2014.

MOORE, Jason W. Capitalism in the Web of Life: ecology and the accumulation of capital. New York: Verso. 2015

PITTA, Fábio. O Crescimento E A Crise Da Economia Brasileira No Século Xxi Como Crise Da Sociedade Do Trabalho Sinal de Menos 14: 38-146. 2020.

RADKAU, Joachim; .Nature and power: a global history of the environment. Washington, DC: German Historical Institute, 2008.

REDDY, Elizabeth. What does it mean to do Anthropology in the Anthropocene?. Platypus, The CASTEC blog, 2014.

ROCKSTRÖM, Johan et al. A safe operating space for humanity. *nature*, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009.

SCHOLZ, Roswitha. “Vorwort ‘Die Demokratie frisst ihre Kinder’” / “Prefácio” (de maio de 2018) ao livro de Robert Kurz: *A democracia devora seus filhos*. Rio de Janeiro, Editora Consequência, tradução do “Prefácio” Fábio Pitta, 2020 (no prelo).

TODD, Zoe. Relationships. *Cultural Anthropology*, v. 21, 2016.

VANSINTJAN, Aaron. Going beyond the “Ecological Turn” in the Humanities. ENTITLE blog: A Collaborative Writing Project on Political Ecology, 2016.

Submetido em agosto de 2020

Aceito em novembro de 2020